

"Os homens se libertam em comunhão"

Paulo Freire viveu para a educação libertadora dos oprimidos

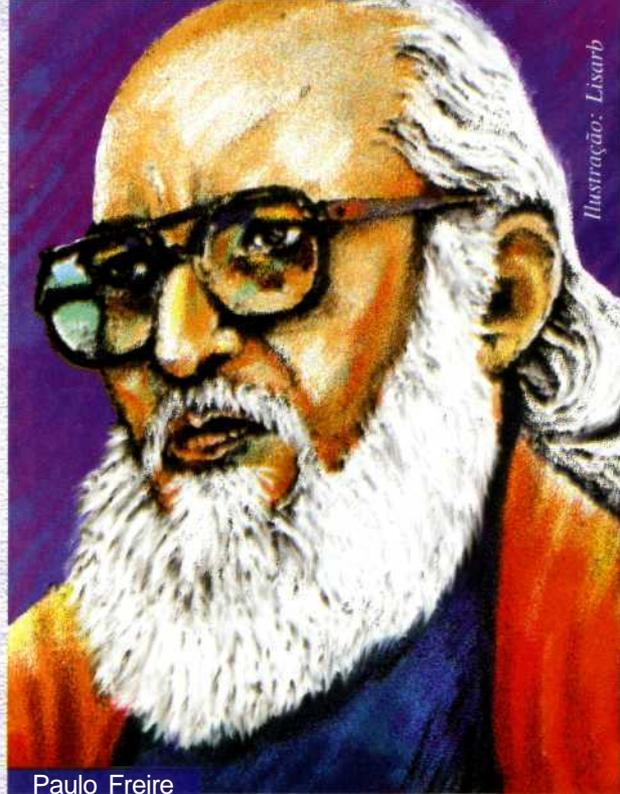


Ilustração: Lisarb

A educação como prática de liberdade dá nome a um dos livros do filósofo e educador pernambucano Paulo Freire, e sintetiza sua proposta pedagógica até hoje não implantada totalmente no país. Ameaçadora para as elites econômica e cultural, a idéia rendeu-lhe um exílio de 16 anos, muitos livros, 27 títulos de doutor "honoris causa" em universidades brasileiras e estrangeiras, reconhecimento e respeito internacionais.

Nascido Paulo Reglus Neves Freire no dia 19 de setembro de 1921, em Recife, o professor teve seu primeiro trabalho no Sesi (Serviço Social da Indústria) e no Serviço de Extensão Cultural da Universidade de Recife. Sua filosofia educacional foi tema da tese do concurso para a universidade pernambucana, em 1958, e aplicada pela primeira vez na alfabetização de adultos no município de Angicos, no Rio Grande do Norte, em 1963.

A metodologia por ele desenvolvida foi muito utilizada no Brasil em campanhas de alfabetização, mas o golpe militar de 1964 entendeu que a sua proposta subvertia a ordem instituída. Paulo Freire foi preso e exilado no Chile. Lá, trabalhou em programas de educação de adultos no Instituto Chileno de Reforma

Agrária, e escreveu sua principal obra, "Pedagogia do Oprimido".

Em 1969 mudou-se para os Estados Unidos e lecionou na Universidade de Harvard. No ano seguinte foi para a Suíça, onde trabalhou como consultor especial do departamento de educação do Conselho Mundial das Igrejas em Genebra. Nesse período, deu consultoria educacional junto a vários governos do Terceiro Mundo, principalmente na África.

Com a anistia, Paulo Freire retornou de vez para o Brasil, lecionando na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

Filiado ao PT desde a fundação do partido, foi secretário de Educação de São Paulo no governo da prefeita Luiza Erundina. Trabalhou para reduzir o analfabetismo na cidade, adequar o currículo à realidade dos estudantes e para melhorar os salários dos professores.

Um mês antes de sua morte, aos 76 anos de idade, em maio de 1997, lançou seu último livro, "Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática

educativa". Deixou para o mundo as seguintes obras: "Educação: prática da liberdade"; "Pedagogia do oprimido"; "Cartas à Guiné-Bissau"; "Pedagogia da esperança"; "A sombra desta mangueira".

Simple, mas revolucionário, o Método Paulo Freire propõe uma educação que respeite a cultura e a individualidade das pessoas, desenvolva a autoestima e promova a igualdade social, ma-

tando no oprimido o opressor que teima em aceitar o preconceito, a discriminação, a exploração de classes e um lugar menor no mundo. É o conhecimento como fator de libertação e de transformação.

Paulo Freire dizia que a consciência do oprimido encontra-se imersa no

mundo preparado pelo opressor, dividindo-se em duas: de um lado, ela aceita os valores e a ideologia do dominador. De outro, tem desejo e necessidade de libertar-se. "Trava-se assim, no oprimido, uma luta interna que precisa deixar de ser individual para se transformar em coletiva, porque ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão".

Para o regime militar, proposta de Freire subvertia a ordem instituída